

EXIJAMOS

AMNISTIA!
PARA TODOS
OS PRESOS
POLÍTICOS!



O G
TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

ELEIÇÕES

LIVRES!
PAZ

EM ANGOLA:
MELHORES
SALÁRIOS!
DEMOCRACIA!

DEPOIS DA FARSA ELEITORAL

Intensifiquemos a luta popular

Os factos comprovam a justeza da apresentação de candidatos a deputados pela Oposição. As acções empreendidas pelo povo e pelas forças democráticas no curto prazo das «liberdades condicionadas», desmascararam uma vez mais os efeitos altamente prejudiciais para Portugal da politica retrógrada, obscurantista, de ruína económica e de guerra do governo salazarista. Ficou provado que não são o povo português e as forças democráticas que rejeitam o resultado honesto da votação. São os fascistas.

Foram as forças populares e democráticas que exigiram o respeito pela legalidade, foi o governo e por fim os altos comandos militares fascistas que responderam com a arbitrariedade e com a ameaça da violência. O QUE CAVOU MAIS FUNDO O FOSSO QUE SEPARA O POVO PORTUGUÊS DO GOVERNO E DOS QUE O APOIAM. Nestas condições o boicote das «eleições» e o protesto contra a farsa eleitoral foi o caminho justo e consequente.

Salazar e a sua camarilha quizeram assim comprovar às vastas camadas da população que enquanto estiverem no Poder não há solução pacífica do problema político português.

Só o caminho do levantamento em massa da nação pode correr com os salazaristas do Poder e solucionar os problemas que afligem o povo.

A continuidade do movimento

criado à volta das candidaturas da Oposição, a luta contra a guerra em Angola e o regresso dos soldados a luta por uma total amnistia política, a luta por aumentos de salários e pela liberdade sindical, a luta contra a censura, a luta pela saída de Portugal da OTAN e por uma politica de neutralidade e todas as outras lutas pela satisfação das aspirações do povo português, é o caminho, sempre engrandecente, que conduzirá ao levantamento nacional para o derrubamento do fascismo e a instauração da Democracia.

Como todo o povo, a classe têxtil está interessada nesta luta. Como todo o povo, ela contribuirá com o alargamento da sua luta para que a liberdade reine um dia em Portugal.

ULTIMA HORA

Chega-nos a triste notícia do assassinato do nosso companheiro corticeiro de Almada nas grandiosas manifestações do povo daquela vila no dia 11 de Novembro pela Paz no Mundo pela Paz em Angola e por eleições serias.

Interpretando o sentir dos trabalhadores da nossa classe, «O TÊXTIL» envia ao nosso companheiro — o jornal «O CORTICEIRO» — as suas condolências à classe e à família daquele mártir da democracia e da classe operária. Nós, têxteis, como todo o povo, exigimos o castigo dos criminosos, exigimos a demissão de Salazar e dos seus esbirros das forças repressivas!

PORTUGAL EM PERIGO!

Lutemos contra as bases atómicas DOS AÇORES E DE OVAR!

Portugal faz parte da O. T. A. N. (Pacto do Atlântico). Como sempre, o povo português não foi consultado, porque se o fosse não tínhamos entrado para essa aliança que os Estados Unidos emendam para preparar uma guerra de agressão nos países da paz — a U. R. S. S. e os outros países do socialismo.

É contra os interesses do povo português uma aliança de que fazem parte os reacionistas e militaristas alemães, ávidos de guerra, um bleco que obriga à construção de bases atómicas em todos os países que dele fazem parte. Portugal não é excepção à regra. Salazar autorizou que os americanos armazenassem nos Açores bombas atómicas. Ora estas bombas são americanas e guardadas por americanos. Em qualquer altura os aviões americanos podem transportá-las e lançá-las sobre o território soviético, socialista, pacífico. Tudo

(continua na 2ª pág.)

A GUERRA DE ANGOLA CONTINUA LUTEMOS POR NEGOCIAÇÕES!

Os responsáveis pelo governo da Nação andam por aí a repetir que a guerra de Angola terminou. A imprensa aplaude essas declarações e vá de falar que chegou a hora da reconstrução, ou, como diz o governador geral de Angola a hora da «charra e do tractor».

Tudo isto é falso! A guerra continua. Todos os dias há pontes que saltam, árvores que se abatem sobre as estradas, embuscadas em que morrem soldados portugueses. Estes prosseguem sombras, «fantasmas», heróis sem nome do povo angolano que arriscam a vida pela libertação da sua Pátria. (cont. na 2ª pág.)

* * CONTRA A GUERRA COLONIAL * *

Lutemos por negociações!

(continuação da 1ª pag. .)

A guerra continua em toda a sua dureza. Os mortos vão cair aos centos! Não haverá exércitos da paz, mas fogo, destruição, sangue e morte!

Seria tão fácil terminar verdadeiramente com esta guerra injusta! Bastaria responder aos inimigos: apelos dos dirigentes angolanos para que se ponha termo à carnificina, se reconheça o direito dos africanos à auto-determinação, se conceda a independência às colónias em negociações com os representantes daqueles que se batem heroicamente pelo seu povo.

Ao povo português só as negociações interessam, porque só as negociações podem levar à paz, ao regresso dos nossos soldados, à tranquilidade de tantos milhares de pais, de mães, de esposas, de irmãos e filhos que hoje

Fala um camarada têxtil

Camaradas: como é do vosso conhecimento, alguém teve a fraca ideia de insistir junto dos operários através dos Sindicatos e Firmas para que todos contribuissem com a importância relativa a um dia de salário destinado a auxiliar as despesas de uma guerra colonial e fatídica. Fraca ideia porque os operários sabem quanto injusta e desumana é essa guerra. Sabem que se trata muito simplesmente da luta dum povo que depois de tantos anos de escravidão se uniu e se organizou para defender os seus direitos de homens livres, de homens que nascem e vivem e morrem da mesma maneira. Portanto essa luta consiste apenas naquilo que eles necessitam e merecem: Liberdade, pão, agasalho e trabalho.

Mas camaradas ainda há infelizmente quem desconheça que contribuindo contra a luta do Povo Angolano é o mesmo que cavar bem fundo a sua sepultura.

Camaradas: a luta desse nobre e valente povo é indiscutivelmente igual à nossa. Lá como cá, quem manda, quem governa e quem tem direito à existência é só o capitalismo em prejuízo das classes trabalhadoras.

Camaradas, preparai a vossa defesa! Organizai as vossas lutas contra esses monstros que vos exploram, roubam e torturam. Esses monstros obrigam-nos a um maior rendimento excessivo muitas vezes às forças humanas. Ou seja trabalhar com mais que uma máquina, trabalhar 9, 10 e 12 horas diárias, etc, etc.

Não devemos dar nem um tostão para a guerra colonial! Devemos continuar a recusar-nos a trabalhar para que Salazar tenha dinheiro para os seus crimes em Angola! Nós, têxteis da Serra da Estrela, somos pela Paz no mundo, pela Paz em Angola!

Um têxtil da Serra da Estrela.

Os têxteis do Porto EM ACÇÃO!

No dia 30 de Setembro cerca de 20 companheiros foram ao sindicato para discutir com a direcção o arbitrário aumento da cotização. O sindicato estava fechado, apesar da direcção ter indicado que estava aberto nos últimos sábados do mês. No dia 14 de Outubro mais de 40 companheiros voltaram lá para entregar uma exposição com mais de 650 assinaturas exigindo a anulação do aumento e a realização de eleições de novos corpos gerentes.

(continua na 4ª pag.)

ESCREVAMOS NOS Muros e PAREDES: Paz em Angola! REGRESSO DOS SOLDADOS Nem um tostão para a guerra colonial Independência das colónias FORA COM SALAZAR

não dá lucro! Faz logo aqui um roubo de 210800 por dia. Como somos 300 atinge a pequena verba diária de 63 contos!

Estas contas são eles que as dão a demonstrar, dizendo que quando um operário chega dez minutos mais tarde lhes dá um prejuízo de 5 escudos!

Quando algum operário estraga qualquer fazenda ou pano, é castigado com 10 a 40 escudos e mais por semana, conforme o valor da peça, quando muitas das vezes esses estragos são ocasionados pelos defeitos do próprio tecido.

Esta fábrica só tem 2 balneários que só são arrançados quando a fiscalização lá vai. E as retretes? É a mesma pouca vergonha, só existem duas e sem água canalizada!

Várias reclamações contra os castigos, as multas, e a falta de retretes e de balneários, tudo tem sido até à data inútil. Mas é preciso continuar: unirmo-nos, formar a nossa comissão de unidade e dirigirla a falar ao patrão, com todos nós cá fora a apoiá-la. E firmos também ao sindicato para exigir que apoie as justas reivindicações dos operários.

Lutemos todos com firmeza pela PAZ EM ANGOLA! pela NEGOCIAÇÃO! pelo REGRESSO DOS SOLDADOS! contra os infames IMPOSTOS DE GUERRA!

A EXPLORAÇÃO NA FÁBRICA DA BOUÇA

A fábrica, M. LARANJO, LDA, conhecida pela fábrica da Bouça, tem 300 operários, entre os quais cerca de 20 mulheres. A sua produção é de estampania, e labora com dois turnos.

Em castigos, multas, etc., é igual a muitas outras, pois os industriais tudo fazem para roubar os operários com sistemas indignos, capazes de fazerem revoltar qualquer pessoa humana. Entre os vários maus empregados distingue-se um tal Neves, que mora na rua do Lidalor, ao Pezreiro.

Qualquer operário que chegue tarde começa a trabalhar aos dez minutos e são-lhe descontados 5 escudos. Fazendo as contas, se 10 minutos valem 5000, vê-se que uma hora são 30800, (que é o salário durante as 8 horas de serviço). Ora se um só operário ganhando em 10 minutos 5800 pretas nas 8 horas 240500, e só recebe 30, digam lá os senhores industriais se dá lucro ou

AS COMISSÕES DE TRABALHADORES SÃO A GARANTIA DA UNIDADE DE ACÇÃO

Não existe na têxtil, região ou empresa em que os têxteis não se indignem com os ritmos infernais de trabalho impostos, os castigos, os baixos salários, o não cumprimento do Contrato, os despedimentos, a redução da semana de trabalho e outras formas de exploração. Porém, não basta que em todo o lado saibamos que os nossos companheiros não aceitam a exploração e que desejam ver defendidos os seus interesses. Tão pouco se deverá pensar que pelo facto da classe ser unânime no que toca à defesa das suas reivindicações, a unidade está feita.

A Unidade válida, a que permite à classe sair vitoriosa, é a Unidade de acção. Enquanto a unidade apenas em pensamento tem permitido e permite ao patronato actuar contra a classe operária, a Unidade de acção tem-nos levado à conquista de valiosas reivindicações.

Inimigos da classe

Na SOCIEDADE DE LANIFI-
CÍOS DO TORTOSENDO continuam os operários e operárias a ser vítimas de repressão por parte do empregado Felizol. Este funcionário que sempre viveu com o trabalho das massas aumenta cada vez mais os castigos injustos e as faltas de respeito no sector feminino. Recentemente castigou uma operária por esta ter ido ao funeral de uma pessoa de família. Para com os operários usa de igual trato castigando-os directa e indirectamente; enviando-os para trabalhos diferentes e baixando-os de categoria.

É urgente que nenhum operário se deixe humilhar por aquele indigno empregado e mostre por ele um profundo desprezo.

Na firma MOURA, MATOS &

A desenfiada exploração dos têxteis

A Redacção de «O Têxtil» recebeu durante o mês inúmeras cartas e informações respeitantes à desenfiada exploração do patronato sobre os operários e operárias têxteis. Impossível se torna referirmo-nos a cada caso, em separado, dado o reduzido espaço de que dispomos. Isso não quer de forma alguma dizer que os nossos companheiros deixem de nos enviar as suas sempre bem recebidas informações e denúncias da exploração de que são vítimas. Ao contrário, «O Têxtil» precisa da vossa colaboração constante e valiosa! E nunca deixaremos de publicar as valerosas lutas da classe.

As lutas são cada vez mais necessárias em vez de acções individuais. (continua na 4ª. pág)

E se é certo que a Unidade de acção da classe é o factor que permite defender-nos, a organização dessa acção, as Comissões têm um papel determinante. São as Comissões que garantem a unificação e mobilização de todos os companheiros num só caminho, que possibilita um conhecimento geral dos nossos pro-

AS FÉRIAS

dos operários da Covilhã

Éis um problema que tem sido aqui uma barbaridade. Esses monstros vão para as praias quando e o tempo que lhes apetece e os operários só gozam as suas férias de finidas as estações de fabricação. Por isso quase todos os operários que com um pouco de sacrifício podiam ir para a Serra da Estrela ou para o Rio Zêzere adquirir energias para mais um ano de trabalho e ao mesmo tempo distrair as famílias que bem o merecem, acabam por gozar as suas férias em pleno inverno, junto da lareira.

Mais uma vez assim se passou e assim se passará este inverno. Mas temos de acabar com esta situação. As férias dos operários devem ser gozadas quando eles as escolhem, quando isso lhes convier e não quando convém aos patrões. Cabe-nos lutar por isso todos unidos! Organizemos a nossa luta por férias pagas no próximo verão e a vitória será nossa!

REBORDÃO, no Tortosendo, o gerente desta, Álvaro de Matos, agrediu e ofendeu moralmente um operário, despedindo-o em seguida.

Já não é primeira vez que aquele indivíduo de instintos bestiais comete destas façanhas pelo que merece o desprezo de toda a classe trabalhadora.

blemas, o esclarecimento da classe e a sua defesa.

A inexistência de comissões na maioria das empresas e em certas localidades, contribui para a descrença de muitos companheiros, em virtude de uma acção isolada, lançando-os nos praços da exploração.

Se numa localidade organizarmos uma Comissão, à base de homens e mulheres honrados, prestigiados da classe e activos, daremos um passo seguro para unirmos os companheiros à base da empresa e mobilizarmos todas as empresas desse local à volta das suas reivindicações mais sentidas, o mesmo se colocando quanto às empresas em relação às suas secções.

Só as comissões de trabalhadores estão em condições de forjar uma larga, forte e necessária Unidade de Acção, desde a empresa à região. Então a classe, em concentrações junto das empresas e do sindicato, estará em melhores condições de fazer frente à exploração.

As operárias têxteis e as suas reivindicações

Se bem que a exploração ossenta sobre toda a classe, sabemos quanto as mulheres, grande parte delas nos próprios companheiros, são as principais vítimas desta exploração. Desde os ritmos infernais a que são sujeitas no trabalho, das multas e insultos, às ofensivas morais de patrões e encarregados, é grande o número de empresas em que são privadas de receber o subsídio de parto ou simplesmente despedidas quando o exigem o caso.

É se o Contrato Colectivo as não dá o Governo no geral da classe não são cumpridas, no que respeita às mulheres em particular o caso é mais flagrente. Diz a lei que as mulheres e as menores não podem permanecer nas empresas por além das 22 horas. Mas mostram os factos que tal não é cumprido, mantendo-se, por toda a parte, horários muito para além desta hora, com a aprovação do I.N.T. e partindo do conhecimento do Governo!

Não podemos ainda esquecer que, à falta de crachás, identidades e cartões, são elas que, depois de dura luta, tentam do trabalho têm que caminhar em muitos casos largos quilómetros para chegar a casa, onde têm que tratar da lida do casa e dos filhos.

É por que as companheiras têxteis através dos tempos têm realizado algumas acções, verdadeiros exemplos para toda a classe.

Torna-se entretanto imperioso que as têxteis, conscientes da sua força iniciem concentrações nas empresas e no sindicato, acções em defesa das suas reivindicações.

A fim de melhor poderem concretizar a sua acção, é de toda a conveniência organizarem-se, formando comissões de mulheres ou fazendo parte das comissões com os seus companheiros de empresa,

PORTUGAL EM PERIGO! FORA COM OS AMERICANOS DE OVAR E DOS AÇORES

(continuação da 3ª pág.)

isto sem dizer «guia» às autoridades portuguesas, e ainda menos ao povo português. O mesmo acontecerá quando concluírem em Ovar o campo de lançamento de foguetes armados com ogivas nucleares — os americanos poderão então atacar o território soviético a partir de Ovar!

Salazar, escando aos portugueses as possíveis consequências trágicas desta aventura bélica. O governo soviético já por mais de uma vez avisou os povos do perigo que constitui para eles a existência nos seus territórios de bombas e foguetes atómicos às ordens dos imperialistas americanos. Com efeito os soviéticos não poderão consentir que uma base agressora, numa base desde partem ataques atómicos contra o território soviético, não seja imediatamente destruída pelos poderosos foguetes soviéticos, de forma a terminar rapidamente com a guerra e o seu cortejo de horrores. Os soviéticos têm o direito de defender-se, têm o dever para com o seu povo de ripostar imediatamente e de destruir o agressor.

Os americanos, instalando bases agressivas em territórios estrangeiros, pretendem mais uma vez fazer a guerra na casa dos outros. Os soviéticos, ao contrário, não pretendem senão impor a paz. Por isso apresentaram um plano de desarmamento universal e completo e continuam a afirmar solenemente que se os ocidentais estiverem dispostos a aceitar esse desarmamento os soviéticos lançarão todas as suas poderosas armas atómicas ao ferro velho.

É certo também que nada há de litigioso entre os povos soviéticos e portugueses. O nosso povo e amigo do povo da U.B.S.S., o vencedor da barbárie hitleriana; o povo soviético é amigo do povo português, afirmando-lhe constantemente a sua solidariedade na sua luta anti-fascista, anti-salazarista e pela liberdade.

Cabe-nos a nós não consentir que um exército estrangeiro, o americano, esteja a preparar-se para atacar o país soviético a partir do nosso território. Apesar da sua amizade pelo povo português, o governo soviético fará cair o agressor instalado em terra portuguesa. Ora uma só bomba atómica lançada sobre os Açores exterminará toda a sua população, e bastarão duas bombas atómicas para transformar Portugal num deserto sem vida!

O povo soviético jamais será o agressor! Mas no povo soviético cabe preparar-se para RESPONDER à agressão. E a nós, povo português? A nós cabe-nos também organizar a nossa defesa. Ora o perigo vem da instalação de bases atómicas americanas em Portugal! Lutemos pois contra o armazenamento de bombas atómicas nos Açores, contra as rampas de lançamento de foguetes atómicos em Ovar! Exijamos a retirada das tropas americanas do nosso solo! Reclamemos que o Exército português seja dono de si mesmo e não comandado por chefes estrangeiros! Exijamos uma política de neutralidade e de defesa da Paz.

FORA COM PORTUGAL DO AGRESSIVO PACTO DO ATLÂNTICO!

A DESENFREADA EXPLORAÇÃO DOS TÊXTEIS

(continuação da 1ª pág.)

Toda uma secção se deve unir em defesa dos direitos de um só se eles foram espoliados pelo patrão ou pelo seu encarregado aserdões. Toda a fábrica se deve unir em defesa dos operários de uma secção atingida pela acção exploradora do patrão.

Como fica indiferente ao caso daquele operário que todos os dias tem que fazer horas à pé para a fábrica e que por um dia chegar adreado acabou por não trabalhar 3 dias? Como não reagir toda a secção daquele outro operário que se tem recusar a fazer horas extraordinárias apenas 4 dias da es tipo? Como não acompanhar a reivindicação das mulheres jovens de 16 anos que já com 2 anos de casa ainda ganham só 9000 por dia e protestar contra os tentos do patrão de os autorizar para 1200 se eles fizerem o trabalho de duas operárias?

Estes casos não são individuais. Os restantes operários deveriam unir-se para de-

fender os direitos humanos, os direitos de classe. Consentir, nas constantes susseções e multas, consentir que um operário com mais de 10 anos de casa ainda esteja na categoria dos não-diferenciados, a ganhar 24,00 por dia, é consentir no avilamento do nosso trabalho. Também que não se faça um contrato de despedimento a.r. limite de idade sem salário correspondente aos anos de casa, a sim como contra os despedimentos por faltas, em que os patrões são inexoráveis, mesmo quando uma operária faltou por motivos de doença dos seus filhos!

Toda a secção de operários de fábrica deveriam apoiar-se uma delas, uma só que seja ganha dois escudos a menos por dia, só porque o patrão e declarou como adretra!

O problema dos férias é também um problema geral. Temos que lutar unidos pelo direito de todos o goz-las, pelo nosso direito a recebê-las, pelo direito

Os têxteis do Porto

(continuação da 2ª pág.)

Aqueles senhores não só se recusaram a discutir com os sócios o aumento, como não realizaram qualquer Assembleia Geral para discussão e apreciação do Relatório e Contas de 1959 que tanto apressadamente precisam de publicar.

Cada dia se vai tornando mais ilegal a existência da direcção do sindicato têxtil do Porto. As eleições devem ter-se realizado em 1959-1960. As contas de 1960 não foram sancionadas por qualquer Assembleia Geral. O aumento da cotização é arbitrário e representa uma violência.

Face a este estado de coisas a negociação dos companheiros do Porto é JUSTA E LEGAL. São eles que lutam pelo respeito das leis e é a direcção do sindicato apoiada pelo governo que contrariam e desprezam as leis.

Para que a sua acção, porém, force os outros que pretendem manter-se unidos, é fundamental alargar a discussão dos problemas do sindicato a todos os companheiros e companheiras e interessá-los na negociação. Em muitas empresas foram recolhidas assinaturas para a exportação contra o aumento da cotização e por eleições dos corpos gerentes. A recolha de assinaturas deve continuar acompanhada de esforços na formação de Comissões de Unidade em cada empresa, que esclareçam os companheiros sobre a justiça da luta que se está desenvolvendo e os mobilize para futuras concentrações no sindicato. A negociação cada vez mais larga e unida dos companheiros do Porto em defesa da legalidade, neabus por impor a realização de eleições e a anulação do arbitrário aumento da cotização.

dos que ficam na fábrica (Instituto), a trabalhar, para que não aconteça como já aconteceu que os patrões não aceitarão o seu trabalho e depois lhes não pagarem a seasonal tempo de lutar unidos contra o patrão ou nos fizerem trabalhar em derrocado na véspera de imos para férias, para que não fique trabalho por fazer.

Os operários de cada fábrica devem unir-se contra os infantis ritmos de produção e também contra fábicas como aquela que é corrente nos fábricas do Covilhã, de obrigar as operárias a trabalhar 12 horas diárias (das 8 às 12 h. Il lutas unidas contra a exploração, contra o avilamento do nosso trabalho, contra as humilhações. Para isso luta fundamental a criação de uma Comissão de Unidade em cada empresa.

Avante na formação dos nossos Comissões de Unidade! Avante na luta contra a exploração do nosso trabalho!